

O PROBLEMA DA PUBLICIDADE E A PERVERSÃO DA LINGUAGEM COMO UM PROBLEMA POLÍTICO EM HANNAH ARENDT E GÜNTHER ANDERS

Anderson Oreste Cavalcante Lobato
Universidade Federal de Rio Grande

Cláudia Carneiro Peixoto
Faculdade Anhanguera

*Toda publicidade é uma chamada à destruição¹
A atitude de consumo condena à ruína tudo que toca²*

Resumo: O presente trabalho incursiona pelo pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) e Günther Anders (1902-1992), a partir do tema da propaganda/publicidade e da perversão da linguagem. As categorias do pensamento dos autores, convergentes ou divergentes, auxiliam na compreensão de elementos presentes no mundo contemporâneo, a partir dos quais, pode-se apontar o potencial destrutivo da propaganda/publicidade e o problema político da deturpação da linguagem na sociedade de massa. Tanto para Arendt como Anders a instalação da mentira como forma de vida, da crença na ilusão como substituto da realidade e o conformismo erradicam o humano dos homens.

Palavras-chaves: propaganda/publicidade, linguagem, regimes totalitários, sociedade tecnificada.

Abstract: This work incursion by the thought of Hannah Arendt (1906-1975) and Günther Anders (1902-1992), from the subject of advertising / publicity and the perversion of language. The categories of thought of the authors, converging or diverging, assist in the understanding of

¹ ANDERS, 2011, p.48.

² ARENDT, 2005, p.264.

elements present in the contemporary world, from which one can point the destructive potential of advertising/publicity and the political problem of language misrepresentation in mass society. Both Arendt as Anders installation of lies for a living, the belief in the illusion as a substitute for reality and conformity eradicate human men.

Keywords: advertising/publicity, language, totalitarian regimes, technified society

I - Introdução

Hannah Arendt possui uma fortuna crítica que, a cada dia, desperta maior interesse. Por outro lado, o pensamento de Günther Anders, cuja longevidade permitiu-lhe uma produção intelectual de sete décadas, apenas na última década tem merecido uma atenção maior. A ligação entre os dois pensadores extrapola o tema filosófico e deriva de vários elementos, a começar pelo fato de que se conheceram ainda muito jovens na Alemanha e foram casados por um curto período de tempo³. Para ambos, pensar os fenômenos políticos do século XX, sobretudo aqueles considerados extremos, como a Primeira e a Segunda Guerra, os campos de concentração e a bomba atômica, por exemplo, constituiu a essência político-filosófica de suas obras.

Após a morte de Hannah Arendt, em 1975⁴, Anders retomou os seus apontamentos sobre parte do período em que estiveram casados, do que resultou a obra intitulada *La batalla de las cerezas: mi historia de amor con Hannah Arendt*, em que é possível acompanhar um pequeno e intenso diálogo filosófico entre os dois autores, ambientado, em 1929, já no ocaso da República de Weimar, destacado, por Anders, como “surpreendentemente frutífero” (DRIES, 2013, p.87). Mas, se, de um lado, Anders apenas aprofundou o texto sobre Arendt após a sua morte, Arendt jamais escreveu um ensaio sobre o pensamento de Günther Anders ou algo mais pessoal sobre a época de convívio comum, restringindo-se a pequenos apontamentos, como, por exemplo, no ano de 1961, quando escreve à amiga Mary McCarthy, sobre uma visita a Anders, e deixa sobressair o tom amargo do contato, após um longo período de ausência (ARENDDT, 1995, p.131).

Assim, não há citações ou referências diretas de um autor a outro nas obras de maior expressão de ambos. Em *La batalla de las cerezas* (2013, p.49),

³ Anders foi casado com Arendt entre 1929 e 1936. Os dois autores partilhavam traços biográficos em comum. Como sublinha Young- Bruehl (1997, p.86): “ambos eram judeus de famílias de classe média, assimiladas; haviam feito especialização filosófica similar e partilhavam de uma postura intelectual de dedicação à revolução na filosofia que Heidegger e Jaspers promoviam; ambos eram vistos como alunos destacados com perspectivas brilhantes”.

⁴ Em 1972, Anders decidiu não escrever nada de “novo”, para dedicar-se aos seus antigos manuscritos (OBERSCHLICK, 2013, p.69)

Anders relata a leitura conjunta de *Monadologia*, de Leibniz, em que se pode acompanhar, por exemplo, o diálogo que culmina na forte rejeição de Arendt pela ideia do “Homem” e sua preocupação com os “homens”, o que será reafirmado por meio da categoria da pluralidade.

Para Parienti-Maire (2007) pode-se entrever a existência de um “diálogo oculto” entre Arendt e Anders, em conceitos como o de liberdade, do *homo faber*, sobre o futuro do trabalho nas sociedades tecnológicas, o interesse pela literatura e a escrita de textos sobre autores como Kafka, Brecht, Broch e Rilke⁵.

Neste contexto, o presente trabalho volta-se para o problema da publicidade/propaganda e da linguagem, a partir de uma incursão pelo pensamento dos dois autores. Vale destacar que Arendt tratou da publicidade/propaganda nos regimes totalitários, ao passo que Anders problematizou a publicidade em suas reflexões, para o âmbito das sociedades tecnificadas.

II – A ascensão da propaganda e a perversão da linguagem nos regimes totalitários e nas sociedades tecnificadas

Hannah Arendt e Günther Anders examinaram a questão da propaganda e da publicidade em perspectivas distintas. No caso de Arendt, a análise tem seu lugar em *Origens do Totalitarismo*, voltando-se para o contexto dos regimes totalitários. Anders, por sua vez, reflete sobre o tema na obra *A obsolescência do homem*, sublinhando o papel da publicidade em uma sociedade tecnificada, cuja marca é o domínio do “ser em estado de massa”, isto é, do indivíduo absolutamente inócuo, absolutamente passivo, absolutamente não-revolucionário (2011, p.95). Tal indivíduo lança-se no processo da maquinização do mundo e de sua própria co-maquinição (ANDERS, 2010, p.75). Percebe-se que, ao tratar da propaganda, os dois autores apresentam o problema da perversão da linguagem, da perda da liberdade/espontaneidade e o descolamento do indivíduo da realidade.

Com efeito, para Arendt o primeiro objetivo da propaganda nazista é o de desvincular o homem do real, por meio da proliferação da mentira e de sua transmutação em “verdades” forjadas, bem como do uso contínuo e indiscriminado de eufemismo e de clichês que tem como resultado a

⁵ Rilke foi o único autor sobre o qual Arendt e Anders publicaram em co-autoria um ensaio, intitulado *Rilke's Duino Elegies*, publicado em 1932, na Neue Schweizer Rundschau. Anders utilizou ainda o nome de Günther Stern. No presente trabalho utilizou-se a tradução em inglês, publicada em *Reflections on Literature and Culture*.

impossibilidade de acessar o “senso comum”, sentido capaz de ligar os homens ao mundo e de propiciar o seu compartilhamento.

Ao refletir sobre o uso da propaganda, Arendt destaca que os sofistas antigos utilizavam a persuasão a fim de obter uma vitória passageira do argumento às custas da verdade, o que implicava na destruição da dignidade do pensamento humano. Por outro lado, os “sofistas modernos”, almejam uma vitória mais duradoura, mas a obtêm com o sacrifício da realidade, ou seja, com a destruição da dignidade da ação (ARENDDT, 1989, p.29). O problema evidente, no segundo caso, é o da perda da própria realidade⁶ enquanto fio capaz de direcionar e conduzir os homens em suas escolhas e juízos, uma vez que os fatos são incessantemente manipulados e a face do real torna-se indistinguível, os homens perdem a estabilidade que os insere no mundo, a capacidade de serem partícipes de interesses coletivos, de um envolvimento que esteja acima de interesses privados e meramente pessoais. Na situação de alheamento extremo, em que a atomização do indivíduo se completa, há também a perda do humano, com a transformação dos indivíduos em seres autômatos (ARENDDT, 2008, p.32).

Para Anders, o uso da publicidade estava diretamente relacionado com o predomínio na sociedade de um estado conformista, em que os indivíduos são assimilados ao ponto em que desaparecem todas as diferenças individuais e a liberdade (2011, p.150; 157). Em sua sociedade voltada para a produção de mercadorias, cabe à publicidade gerar a necessidade incessante do consumo. Deve-se acrescer a isso que, em uma sociedade conformista, os indivíduos tornam-se incapazes de distinguir entre a espontaneidade e a coerção, entre necessitar e serem obrigados. Isto é, a liberdade torna-se mais uma espécie de ilusão gestada artificialmente. A publicidade cria uma situação de “recrutamento para a colaboração” e o indivíduo perde por completo a capacidade de opor resistência⁷ (ANDERS, 2011, p.168). Em síntese, em sua sociedade de consumo, a publicidade “produz” uma persistente “condição” de necessidade (ANDERS, 2011, p.57).

Além disso, Anders destaca que a sociedade conformista é marcada pela autoexibição, pela ausência de “segredos” ou de privacidade (2011, p.156). Assim,

⁶ Destinada às massas, ou seja, às camadas da população que já haviam perdido qualquer identidade de classe ou objetivos políticos, constituindo-se de indivíduos facilmente atomizados, a propaganda totalitária tinha a capacidade de potencializar a inclinação das massas de fugir da realidade para a ficção, em uma clara recusa à fortitude e aos riscos inerentes ao mundo real, optando por um mundo construído artificialmente, com base em falsas coerências (ARENDDT, 1989, p.401).

⁷ Anders adverte para o fato de que os anúncios publicitários, em sua grande maioria, incitam a comprar produtos que já são possuídos pelos indivíduos, que devem ser destruídos rapidamente, impedindo que se consolide a relação de “propriedade”, pois se instala um intercâmbio fugaz entre o indivíduo e o produto (ANDERS, 2011, p.48).

como consequência, o seu signo ontológico é a publicidade, instância que dá “existência” aos entes. Assim,

somente se faz respeitar como “ente”, somente se reconhece como “ente” o que irradia uma força de exibição e atração mais potente que as demais. Formulado em termos negativos: o que não se publicita, o que não chama, o que não se mostra, o que não toma parte da luz, não tem nenhuma força (ANDERS, 2011, p.165).

Do mesmo modo que Arendt, Anders também denuncia o rompimento da fronteira entre o público e o privado e o atrofiamento da linguagem, da perda de sentido que culmina em uma espécie de intercâmbio tautológico⁸. Anders compara as palavras e os vocábulos utilizados pelos interlocutores com bolas trocadas pelos tenistas em um jogo: são sempre as mesmas. Em outras palavras, o intercâmbio tautológico representa um “monólogo coletivo”, estritamente homogêneo, em que não há troca de ideias, mas apenas o bater e rebater, sem sentido (ANDERS, 2011, p.158).

Ao lado da ausência de uma fronteira precisa entre o público e o privado, o declínio da fala se acentua com o desaparecimento da distância entre os indivíduos:

O emudecimento aflora não somente quando o abismo entre as pessoas é demasiado amplo ou demasiado perigoso para ser superado, mas também quando é demasiado estreito para que ainda seja necessário ter uma ponte linguística. Todo falar exige uma distância mínima: a comunicação somente tem sentido se há uma desnível entre quem fala e quem escuta (ANDERS, 2011, p.157).

Por sua vez, Arendt destaca que a linguagem escrita ou oral, disseminada em um regime totalitário, tinha como característica a pobreza e a homegeneidade, pois, ao intentar criar um mundo uniforme, os líderes totalitários tornavam também a linguagem uniforme, destituída de qualquer incremento oriundo da espontaneidade e criatividade dos indivíduos, o que pode se inferir do testemunho de Klemperer (2009, p.51):

Livros, jornais, formulários e escritos oficiais de qualquer posto de serviço – tudo isso boiava no mesmo molho marrom, e a partir

⁸ “Com isso me refiro a que, quando falamos entre nós, expressamos uma mesma experiência do mundo e o fazemos com palavras que pertencem a um mesmo tesouro de vocábulos e, por isso, não levamos a cabo mais que um *intercâmbio tautológico*” (ANDERS, 2011, p.158, grifos do autor).

dessa uniformidade absoluta da linguagem escrita explicava-se a uniformidade da fala.

Ao considerar que a função política exercida pelo par ação/discurso era a de “revelar” a singularidade do agente, a sua capacidade de notabilizar-se, de destacar-se dos demais indivíduos, percebe-se que a atrofia da linguagem implica na mutilação da instância do político, da espontaneidade humana e, por conseguinte, da capacidade de inovar no mundo (ARENDDT, 2010, p.224):

Ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz.

Arendt aduz que, nos regimes totalitários, no momento em que a ficção superava a realidade alcançava-se a condição de ausência de espontaneidade e absoluto conformismo. Paradoxalmente, é apenas neste momento que a propaganda tornava-se dispensável (ARENDDT, 1989, p.463). Isto ocorria porque o indivíduo, incapaz de discernir o real do fictício, não precisava mais ser persuadido pelos líderes totalitários quanto à veracidade de sua fala ou da necessidade de seus atos. Tornava-se o súdito ideal de um regime que se sustentava pela indistinção entre o verdadeiro e o falso (ARENDDT, 1989, p.526) e cujo princípio norteador era o terror (1989, p.403).

Ainda relacionada à publicidade/propaganda, é possível encontrar em ambos os autores uma preocupação com a manipulação da verdade e a deturpação factual. A consolidação dos movimentos totalitários na Europa, durante o período da II Guerra Mundial, exigiu a habilidade de seus líderes em manipular a verdade factual, em deturpar a história presente e passada em prol de suas doutrinas. Neste sentido, o uso da mentira como fonte de persuasão foi fundamental para o projeto de dominação totalitária.

O passo entre a propaganda baseada na mentira e a realização ou concretização da mentira, ou seja, a sua transmutação de uma ficção em realidade exigiu ora a anulação dos fatos verdadeiros, suprimindo-os da história e do cotidiano, ora a interferência ativa nos fatos, alterando-os ou descaracterizando-os⁹. Em ambos os casos, foi necessário um controle absoluto por parte do líder

⁹ Um exemplo da maleabilidade dos fatos nas mãos dos líderes é a história oficial, “denunciada” como uma “fraude” que visava enganar o povo (ARENDDT, 1989, p.383) e as predições totalitárias que, em seu caráter “profético”, eram cumpridas, numa demonstração de controle absoluto do governante totalitário.

totalitário que, ao obter o controle total e a extirpação da liberdade humana, substituiu a propaganda pela violência pura, único meio capaz de “dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras totalitárias” (ARENDDT, 1989, p.390).

Em *Origens do totalitarismo*, Arendt já aponta o problema que, posteriormente irá desenvolver, ao acompanhar o julgamento de Eichmann, em Jerusalém, que é o da uniformidade da linguagem e o uso indiscriminado de clichês, os quais substituíam os juízos reflexivos e a capacidade de julgar dos indivíduos, pois se impunham de modo incontestável, como fórmula para explicar e justificar todos os fatos, mesmo os mais terríveis e inacreditáveis. Durante o regime nazista, o uso de clichês alastrou-se de maneira calculada, como se abstrai das palavras de Klemperer (2009, p.55):

O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente.

Além do uso excessivo e massacrante de clichês, a linguagem foi deturpada até que o sentido das palavras se desfigurasse completamente. Sob a perspectiva do súdito ideal do governo totalitário, que era o indivíduo completamente atomizado e desprovido de liberdade, cujas instâncias mais íntimas, como a vida privada, desapareceram, a perversão da linguagem teve o seu ponto culminante nos campos de concentração, em que o terror se instalou de modo a que não remanescesse nenhuma margem de espontaneidade humana. A destruição da fala espelhou, desta maneira, a destruição da liberdade humana, a redução do ser humano à condição de animal biológico, a um feixe de reações condicionadas (ARENDDT, 1989, p.508).

O caso do funcionário nazista Adolf Eichmann demonstrou como o mal político dominou a linguagem no regime totalitário, instalando-se, primeiramente, pelo uso da propaganda. Os eufemismos ou codinomes para as práticas criminosas exemplificam a deturpação da realidade por meio da deturpação da linguagem. Com efeito, o massacre de judeus em campos de extermínio foi chamado de “Solução Final”, “evacuação”, “tratamento especial” (ARENDDT, 1999, p.100). Tais codinomes ou “regras de linguagem” constituíam-se em falaciosas técnicas para camuflar as reais intenções dos líderes totalitários, que apenas eram conhecidas pelos portadores do seu real significado, a saber, os

No momento em que a mentira podia ser confirmada pelo líder totalitário, perdia-se, por completo, a “consistência” do mundo, a capacidade humana de partilhá-lo com o seu semelhante (FORTI, 2008, p.23).

executores das ordens. Deste modo, o uso de regras de linguagem afastava os indivíduos da realidade e os eximia das consequências de seus atos criminosos (1999, P.101).

A era atômica e a capacidade de produzir a destruição da humanidade, constituem-se em uma espécie de “fio condutor” no pensamento de Günther Anders. No segundo volume de sua obra *A obsolescência do homem*, Anders indica os elementos presentes em uma sociedade, cujo destino não mais pode se desvencilhar da tecnificação e dos elementos que a mantém.

Neste sentido, o autor examina o conformismo e a função exercida pela publicidade para a reprodução de demandas incessantes. O sacrifício da liberdade humana é indolor e imperceptível, ocorre sob o jugo do entretenimento que “educa” os indivíduos para a servidão do consumo e o gosto pela homogeneidade. Assim, a obediência é camuflada pela ilusão da liberdade (ANDERS, 2011, p.143), o indivíduo cede à técnica o protagonismo no mundo.

III – Últimas considerações

Parece não haver dúvida de que o mundo contemporâneo é o reino da publicidade, da propaganda, do consumo, da homogeneidade, da ilusão da liberdade e da falência da linguagem. Neste contexto, Arendt e Anders são autores fundamentais, pois, a partir de suas ideias pode-se apreender, por exemplo, elementos totalitários nas democracias e o caráter definitivo do conformismo na sociedade tecnificada.

Tragicamente, a morte humana não coincide necessariamente com a falência biológica. Arendt advertia que uma vida destituída de discurso e sem ação estava “literalmente” morta para o mundo, porque não mais era vivida “entre os homens” (2010, p.221). No mesmo sentido, Anders advertia para o “inumano” atingido na sociedade conformista, para a incapacidade humana de representar a situação apocalíptica que os seus atos podem produzir. A terrível inocência, ostentada pelos aparatos de destruição que os homens utilizam, não denuncia em sua “aparência” a sua periculosidade e o potencial destrutivo de que são portadores (2011, p.39). A cegueira humana, a indiferença - que Anders denominará de “analfabetismo emocional” (2010a, p.38) - e a mudez dos aparatos de destruição são sinais da perversão, em que o ser não é mais o que “aparece”¹⁰.

¹⁰ “Esta ostentação negativa, *este ser mais do que aparece*, não ocorreu antes na história. Dado que o perceptível aos olhos não tem nada a ver com a sua função, seria possível chama-los “mentirosos”; ou “ideológicos”, uma expressão, que até hoje foi utilizada injustamente para caracterizar conceitos ou teorias, não objetos. Em todo caso, estes aparatos são o *mais falho de fisionomia* que jamais existiu; com isto me refiro a

A partir destas últimas considerações, percebe-se descortinar outras incursões possíveis entre os autores. E, embora Arendt e Anders possam apresentar pontos de divergência, como, por exemplo, a respeito da responsabilidade¹¹, ambos convergem ao indicar o potencial destrutivo da propaganda e o problema político da deturpação da linguagem na sociedade de massa.

Referências

- ANDERS, G. *Nosotros, los hijos de Eichmann - Carta abierta a Klaus Eichmann* (Traducción Vicente Gómez Ibáñez). Madrid: Paidós Contextos, 2010a.
- _____. *El piloto de Hiroshima - más allá de los límites de la consciencia* (Correspondência entre Claude Eatherly y Günther Anders: Traducción Vicente Gómez Ibáñez). Madrid: Paidós Contextos, 2010b.
- _____. *La obsolescencia del hombre - Sobre la destrucción de la vida en la época de la tercera revolución industrial*, Vol. II (Traducción Josep Monter Perez). Valencia: Pre-Textos, 2011.
- _____. *La batalla de las cerezas - Mi historia de amor con Hannah Arendt* (Traducción: Alicia Valero Martín). Barcelona: Paidós, 2013.
- ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo* (Tradução Roberto Raposo). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____; MCCARTHY, M. *Entre amigas - a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy (1949-1975)*. Organização; Introdução Carol Brightman (Tradução: Sieni Campos). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. *Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal* (Tradução José Rubens Siqueira). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Entre o passado e o futuro* (Tradução Mauro W. Barbosa). São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *Reflections on Literature and Culture* (Edited and with a introduction by Susannah Young-ah Gottlieb). Stanford University Press: Stanford/California, 2007.
- _____. *Homens em tempos sombrios* (Tradução Denise Bottmann; Posfácio de Celso Lafer). São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- _____. *A condição humana* (Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia). 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

que carecem da capacidade de expressar o que são, que “não falam” em medida extrema, que sua aparência não coincide com a sua essência” (ANDERS, 2011, p.40, grifos do autor).

¹¹ Anders imputa à técnica a possibilidade de os indivíduos se encontrarem na condição moral de “inocentemente culpados” (2010b, p.32), o que contraria o esforço arendtiano em manter a capacidade de culpabilidade, ou seja, de responsabilizar os indivíduos pelos seus atos.

- DRIES, C. “Günther Anders y Hannah Arendt: esbozo de una relación”. In: *La batalla de las cerezas - mi historia de amor con Hannah Arendt* (Traducción: Alicia Valero Martín). Barcelona: Paidós, 2013.
- KLEMPERER, V. *LTI - a linguagem do Terceiro Reich* (Tradução, apresentação e notas de Miriam Bettina Paulina Oelsner). Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- FORTI, S. *El totalitarismo: trayectoria de una idea límite* (Traducción María Pons Irazazábal). Barcelona: Herder, 2008.
- OBERSCHLICK, G. “Nota editorial”. In: *La batalla de las cerezas - mi historia de amor con Hannah Arendt* (Traducción Alicia Valero Martín). Barcelona: Paidós, 2013.
- PARENTI-MAIRE, K. Éléments d’un dialogue caché. Considérations sur Hannah Arendt et Günther Anders. *Revue Tumultes*. n. 28/29. 2007/I. p.273/285. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-tumultes-2007-1.htm>. Acesso em 26/04/2015.
- YOUNG-BRUEHL, E. *Por amor ao mundo - A vida e a obra de Hannah Arendt* (Tradução: Antônio Trânsito). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

Email: alobato@furg.com

Recebido: 25/05/2015
Aprovado: 20/01/2016